



Esta obra possui uma Licença

Submissão: 30/07/2021 | Aprovação: 30/07/2022

[Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/10741>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v17i28.10741>



Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 17 | N. 28 | Jan-Jun, 2023, pp. 273-284



OBJETOS DE MEMÓRIA: DA ESCAVAÇÃO AO CAMPO DA RECORDAÇÃO MEMORY OBJECTS: FROM THE EXCAVATION TO THE FIELD OF REMEMBRANCE

Josimere Serrão GONÇALVES  
Universidade Federal do Pará (UFPA)¹

Resumo: Neste trabalho busco compreender a relação da história e memória a partir de um objeto de memória intitulado “Canal de Igarapé-Miri”. Procuro por meio de um horizonte de interpretação baseada na pesquisa bibliográfica e nas discussões teóricas favorecidas por autores como Halbwachs (1990) que discute sobre a memória coletiva; Pollak (1989) que versa sobre memória, esquecimento e silêncio; Nora (1993) sobre o lugar de memória; Benjamin (1987) sobre a escavação e recordação da memória; Pinheiro (2020) que trata sobre a historiografia de Igarapé-Miri, entrelaçados em um diálogo em torno da memória como construção social e problematizá-la enquanto expressão coletiva que pode contribuir para perpetuar a história dos vencedores e soterrar a dos vencidos. Neste prisma, somos chamados então a escavar nossas recordações em busca de histórias silenciadas.

Palavras-chave: Memória. Canal de Igarapé-Miri. Lugar da Memória. Escavação.

Abstract: *In this work I seek to understand the relationship between history and memory from a memory object entitled “Canal de Igarapé-Miri”. I search through a horizon of interpretation based on bibliographical research and theoretical discussions favored by authors such as Halbwachs (1990) who discusses collective memory; Pollak (1989) which deals with memory, oblivion and silence; Nora (1993) on the place of memory; Benjamin (1987) on the excavation and recall of memory; Pinheiro (2020) that deals with the historiography of Igarapé-Miri, intertwined in a dialogue around memory as a social construction and problematizes it as a collective expression that can contribute to perpetuate the history of the winners and bury that of the losers. In this light, we are then called to dig our memories in search of silenced stories.*

Keywords: *Memory. Igarapé-Miri Channel. Place of Memory. Excavation.*

¹ Mestra em Cidades: Territórios e Identidades, da Universidade Federal do Pará. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (2003), Especialista em Coordenação e Organização do Trabalho Pedagógico pela Universidade Federal do Pará (2006) e em Relações Raciais para o Ensino Fundamental-UNIAFRO/UFPA (2011) E-mail: josi-goncalves@hotmail.com

INTRODUÇÃO

No período de março a junho de 2021, cursei a disciplina “História, memória e cidades. A disciplina integra o currículo do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades/PPGCITI, vinculado ao Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA e traz como objetivo “Compreender as macro e micro relações de diversos campos teóricos relativos ao entrelaçamento entre história, memória e as cidades” (SARMENTO-PANTOJA; SARMENTO-PANTOJA, 2021, p.01). De posse dos referenciais iniciamos uma viagem em torno da constituição da memória levando em consideração sua dimensão social e histórica. Para um exercício de memória a turma foi motivada a produzir um relato acerca de um objeto. Esse objeto poderia ser um material que suscitasse em nós afetos, como também provocar reflexões. Escolhi a imagem do “Canal de Igarapé-Miri” pintado por Edouard Riou² como objeto de um memorial.

Este trabalho, constitui parte destas reflexões oportunizadas neste estudo. Deste mesmo modo, busco compreender a relação entre história e memória a partir de um objeto de memória intitulado “Canal de Igarapé-Miri”. Procuro por meio de um horizonte de interpretação baseada na pesquisa teórica e nas discussões conceituais favorecidas por autores como Halbwachs (1990) que discute sobre a memória coletiva; Pollak (1989) que versa sobre memória, esquecimento e silêncio; Nora (1993) sobre o lugar de memória; Benjamin (1987) sobre a escavação e recordação da memória; Pinheiro (2020) que trata sobre a historiografia de Igarapé-Miri, entrelaçados em um diálogo em torno da memória como construção social para problematizá-la enquanto expressão coletiva que pode contribuir para perpetuar a história dos vencedores e soterrar a dos vencidos.

Na tentativa de escavar recordações em busca de histórias silenciadas, algumas interrogações foram pontuais. O que conhecemos de nossa história? O que nossas memórias guardam? A memória é individual ou é uma construção coletiva? Toda cidade tem uma memória. Toda cidade tem uma história. Mas quem constrói essa memória, quem constrói essa história? Que objetos são para nós fontes de recordações, lembranças, pensamentos? O que será preciso para que conheçamos outras memórias, aquelas que ficaram soterradas, esquecidas debaixo do solo de nossas recordações, de nossas lembranças? As inquietações aqui partilhadas, tem por intencionalidade provocar reflexões sobre a história e a memória, tomando como ponto de partida um objeto de memória. Para este percurso proponho uma viagem por três caminhos importantes para compreendermos como essas

² Pintor e ilustrador francês, Ver: PINHEIRO, M.P. Canal de Igarapé-Miri: A construção de um caminho favorável ao comércio na província do Grão-Pará (1821-1832). IN: PINHEIRO, M.P. Pequeno Caminho da Canoa. Historiografia do Município de Igarapé-Miri. 1º Ed. Gurupi: Editora Veloso, 2020.

lembranças são construídas, reconstruídas, produzidas, simuladas, silenciadas e exterminadas. No primeiro percurso farei um diálogo em torno do conceito de memória e da história enfatizando em quais lugares estes encontram-se. No segundo trajeto, apresentarei o objeto de memória selecionado, a pintura “Canal de Igarapé-Miri”, com o intuito de mediar o debate sobre lembranças reconstruídas e lembranças simuladas. Por fim, no último ponto como uma espécie de eco, aciono Walter Benjamin, no sentido de problematizar a necessidade de escavar a memória para que outros pontos da história que ficaram soterrados possam vir à tona. Isto é, memórias Outras.

OBJETOS DE MEMÓRIA: VESTÍGIOS DE LEMBRANÇAS

Já parou para assistir um filme, um seriado, uma novela? Acredito que sim. O cenário que nos é apresentado em cada cena são carregados de objetos e significados que preparam aquele ambiente para que ao serem vistos, tenham a capacidade de nos levar a rememorar contextos, períodos, sentimentos, afetos, recordações. Os detalhes em cada móvel dispostos em cada cenário, como um quadro na parede, o tom das cores do ambiente, a música selecionada, são reservatórios de memória que ao serem lançados a luz, carregam narrativas que nos provocam lembranças.

O quadro de Mona Lisa, exposto no Museu de Louvre na França, pertencente ao famoso pintor Leonardo da Vinci, configura um objeto de memória. Por ser uma obra reconhecida mundialmente, é possível encontramos a reprodução desta em filmes, em documentários, em paródias, em músicas, etc. Mas, uma prova escrita à mão em um papel já amarelado pelo tempo, de um período de alfabetização, guardado por uma mãe como recordação de sua filha, lembranças de conquistas de aprendizado escolar como minha genitora guardou, também configura como um objeto de memória.

Os objetos nos ajudam a contar histórias, constituem nossa identidade³ e colaboram para moldar, mesmo de modo volátil, a maneira como nos apresentamos no mundo. De maneira equivocada, muitas vezes nos é imposto que objetos de memórias se limitam aquelas relíquias dispostas em museus, protegidas em redomas de vidro (NORA, 1993). No entanto, objetos de memória também são cartas, músicas, documentos, fotos, peças de vestuários, canções, poesias ou uma simples prova manuscrita, folha amarelada pelo tempo, marcada por relações cotidianas.

Os objetos de memória partilham as experiências, que não são exclusividade subjetivas, mas comungam da relação que o Outro também possui com o objeto, como uma espécie de colagem.

³ Para Hall (2000 p. 108) “ [...] as identidades não são nunca unificadas; que elas são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas que podem se cruzar ou ser antagônicos”, ver : HALL, Stuart. Quem precisa da Identidade? IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG). Stuart Hall, Kathryn Woodward. Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.

Assim, o problema está em função da força de determinados objetos para servir de ponto de referência para a composição de uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990). “A memória coletiva por outro envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocados num conjunto que não é mais consciência pessoal” (HALBWACHS, 1990, p. 53-54). Neste sentido, a memória coletiva é carregada de memórias históricas como nos assinala Halbwachs ao relatar sobre sua experiência de vida e reflexões acerca da memória.

Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela é limitada, muito estreitamente no espaço e no tempo. A memória coletiva o é também: mas esses limites não são os mesmos. Eles podem ser mais restritos, bem mais remotos também. [...] carrego comigo uma bagagem de lembranças históricas que posso ampliar pela conversação e pela leitura. Mas é uma memória emprestada e que não é minha. No pensamento nacional, esses acontecimentos deixaram um traço profundo, não somente porque as instituições foram modificadas, mas porque a tradição nelas subsiste muito viva em tal ou qual região do grupo, partido, político, província, classe profissional ou mesmo em tal qual família e em certos homens que conheceram pessoalmente as testemunhas (HALBWACHS, 1990, p. 54).

Os acontecimentos e a rememoração destes, fazem com que nos tornemos parte do grupo a ponto de não estranharmos os elementos constituintes desta instituição. Não é preciso então termos vivenciado algo para tornar-se familiar a nós. As lembranças históricas, presentes nas memórias coletivas, partilhadas pela tradição, pela ideia de nação, pelo pertencimento a um determinado grupo contribuem para que carreguemos conosco uma quantidade de memórias produzidas pela sociedade e repassadas nos diversos grupos dos quais fazemos parte. E tudo nestes grupos nos parece tão familiar, não nos causa estranhamento.

Nora (1993) argumenta que os lugares de memória, espaços nos quais encontram-se os objetos de memória, podem selecionar um tipo específico de memória a ser preservada ou rememorada. Museus e monumentos por sua vez, são lugares em que paisagens, personagens, fatos, ganham hierarquias e *status* de classificação na qual certas tradições e costumes passam a ter grande importância na memória coletiva.

Os lugares de memória são produzidos por indivíduos que se reconhecem como pertencentes a determinados grupos e, por este motivo, buscam sacralizar sua passagem em dada sociedade. Para tanto, constroem seus acervos que são eternizados em “[...] museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações” (NORA, 1993, p.13), que se tornam marcos testemunhais de outro tempo, portando certa ilusão de eternidade.

Os lugares de memória foram criados para preservar e/ou para transmitir a memória de um grupo, de um evento ou de uma pessoa. Neste sentido, história e memória são rastros. São memórias que se materializaram em forma de instituições para salvaguardar aquilo que deveria ser lembrado. A memória assim, não é mais natureza e sim um dever, porque é preciso lembrar daquilo que não pode ser esquecido. No passado, competia a história oral salvaguardar a memória, contudo, a modernidade, criou instituições para esta função. Tudo se tornou objeto de memória. A memória neste viés pode ser considerada um rastro, por que não é mais pura, embrionária, devido serem produzidas a partir de articulações e interesses.

A memória, passou a ocupar espaços como os museus, os monumentos, os arquivos, os quais também se prestam a certas homenagens. Estes espaços são lugares de rituais, na qual acontecimentos são rememorados, ou seja, neles ocorrem lembranças daquilo que não devemos esquecer.

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação investe em uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for um objeto ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, e ao mesmo tempo um recorte material de uma unidade temporal e serve periodicamente, para uma chamada concentrada de lembrança (NORA, 1993, p.21).

Os lugares de memórias, reservam momentos sacralizados, rituais que perpetuam fatos, acontecimentos, modos de vida, lembranças. Essa relação simbólica transmitida de geração em geração através dos ritos presentes em cada lugar de memória. São lembretes do que não deve ser apagado. Mas como isto ocorre? A história tem um papel fundamental nesta engrenagem.

Le Goff (1990) no livro “História e Memória” apresenta o significado da palavra “história” como testemunha, aquele que vê, aquele que procura saber, que investiga. Já na língua românica, esclarece o autor, a história pode significar também ciência e por esta questão pode ser considerada “[...] a ciência que procura as ações realizadas pelos homens [...], a história seria o objeto desta procura [...], uma série de acontecimentos, a história seria uma narração” (p.13), e como produto desta narração, pode ser tomada como verdadeira, falsa ou até mesmo inventada.

Muitas vezes, história e memória são vistas como sinônimos, mas Nora (1993) nos adverte que nem de longe podemos pensar nesta possibilidade. história e memória são segundo o autor concepções opostas.

Memória e história, longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está sempre em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do

esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis, a todos os usos e manipulações, suscetíveis de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado (NORA, 1993, p.09).

Com este entendimento do que cada uma trata, é possível perceber, no entanto, que história ao buscar contar as ações realizadas pelos homens também contribuiu na seleção de memórias, de objetos de memórias específicas para compor uma memória coletiva oficial (POLLAK, 1989). O tópico a seguir abordará um objeto de memória que se tornou parte da memória coletiva local.

O CANAL DE IGARAPÉ-MIRI: LEMBRANÇAS RECONSTRUÍDAS E LEMBRANÇAS SIMULADAS

Imagem 1- Pintura do Canal de Igarapé-Miri; por Edouard Riou, 1867.



Fonte: Riou, 1867.

A pintura “Canal de Igarapé-Miri” de autoria do francês Edouard Riou, retrata um rio estreito que liga a localidade de Igarapé-Miri a Moju. O pintor nesta obra destaca as margens do rio com uma vegetação nativa, extensa, típica da região, ao mesmo tempo, evidencia as dificuldades para a efetuação do tráfego de embarcações usadas na atuação comercial devido a pouca profundidade e largura do espaço destinado a navegação. É o que também se apresenta nesta breve narrativa

Século XIX. Estradas não havia entre os territórios da freguesia de Santa Anna de Igarapé-Miri e Belém. Suas ruas eram rios e os rios configuravam os únicos caminhos para a efetivação de transportes, sejam estes de pessoas, cargas, materiais e produções locais. É neste contexto que Carambolas, um comandante-Geral de índios e extrator de madeira da região recebe a solicitação do Governo do Grão Pará de envio de uma quinha de anjelim de 70 palmos para a construção de um navio de

guerra. Ao atender esta solicitação Carambolas enfrenta muitas dificuldades para atravessar a madeira equivalente a 16 metros pelo estreito rio entre o Rio de Igarapé-Miri e o Rio Moju. Nesta labuta pensa que a cada dia esta tarefa se tornaria cada vez mais difícil devido o rio estar cada vez mais raso. Então começa uma luta política. Uma busca de parceiros para iniciar uma escavação e assim abrir um canal, onde pudesse navegar embarcações maiores e desta forma, estabelecer o comércio interno com a província do Grão Pará. O empreendimento foi operacionalizado, homens, na força do braço, rasgaram caminhos pelas linhas fluviais hoje denominado 'Canal'. Porém, durante esta ação, um barranco de 4 metros de terras desabou devido uma corrente de água-forte, ceifando a vida de 18 escravos. Hoje fala-se da importância do Canal para a navegação e o comércio na região em uma época sem estradas, mas não se conhece sobre as vidas sepultadas na abertura do referido canal (Memorial de um objeto - Canal de Igarapé-Miri ⁴).

Na narrativa “Paris, cidade no espelho” Walter Benjamin argumenta que “[...] a cidade se espelha em milhares de olhares, em milhares de objetivas” (BENJAMIN, 1987 p.195). Assim como fazem os poetas, os artistas, os literatos, a cidade pode ser descrita por diversos sujeitos que a contam a partir de seu próprio ponto de vista. Deste modo, o livro “Ruas de mão única - Obras escolhidas” de Walter Benjamin (1987) aparece com uma escrita fragmentada que traz no seu elenco a literatura, as artes, mas também a vivência, o cotidiano e até mesmo os sonhos para falar de cidades, momentos, memórias, lugares e acontecimentos⁵.

Seguindo este percurso e buscando problematizar acerca da memória, lugares e acontecimentos, neste breve diálogo, trago como objeto de memória, a pintura do “Canal de Igarapé-Miri” produzida por Edouard Riou no ano de 1867⁶. Esta obra foi retratada por representar um ponto estratégico de grande significado para o comércio e desenvolvimento da região (PINHEIRO, 2020). Uma passagem eternizada em uma pintura para demarcar o significado econômico de um local que foi rememorado por gerações.

Quando a imagem ou a história do “canal” tornou-se parte de minha memória? Não recordo ao certo, mas tenho lembranças de meu pai afirmando que: no canal passavam navios. Grandes navios. As pessoas falavam para ele, por que meu pai residia no Caji⁷, uma localidade do interior de

⁴ Narrativa “ Memorial de um Objeto -Canal de Igarapé-Miri” , elaborada por Josimere Serrao Gonçalves por ocasião da Disciplina “História, memória e cidades” em 21/05/2021.

⁵ Na Obra “Origem do Drama Barroco Alemão” de Walter Benjamin (1984), Sérgio Rouanet realiza a apresentação do livro e aponta que a obra “é um mosaico [...], um conjunto de citações. Elas têm uma função precisa: são estilhaços de ideias, arrancadas de seu contexto original, e que precisam renascer num novo universo relacional, contribuindo para a formação de um novo todo” (p. 23). Neste sentido, Walter Benjamin a partir destes recortes, misturas e junções traz o drama em peças que retratam a tristeza e a forma trágica de seus personagens. Mostra seu mundo, o contexto em que vive, na qual a política, a filosofia, cenas do cotidiano são retratados nos dramas.

⁶ Sobre a imagem do canal de Igarapé-miri; Disponível em :<https://igarapemiri.pa.gov.br/o-municipio/historia/>. Acesso em: 10 de mai. 2021.

⁷ Ver mapa Rio Caji. Disponível em: <https://mapasamerica.dices.net/brasil/portugues/movil/mapa.php?nombre=Rio-Caji&id=31374>. Acesso em 10 de mai.2021.

Igarapé-Miri. Quando chegou a sede do município aos seus 15 anos em meados de 1974, começou a ouvir esta história, que depois transmitia para os filhos, em algumas conversas, em momentos que se repetiam quando faltava a luz elétrica e se recorria à luz das estrelas ou das velas. A família voltava ao passado e recontava as histórias de antes.

Outro momento, também em destaque para a construção desta memória pode ter ocorrido no ambiente escolar, talvez, no final do ensino fundamental por ocasião dos Estudos Amazônicos ou no ensino médio, quando somos instigados a conhecer um pouco mais da história local, na qual professores de história nos apresentam as publicações contendo memórias das grandes personalidades que ajudaram a construir nossa cidade. Nestes, políticos, comerciantes, pessoas influentes da localidade, também ganhavam destaques na história e consequentemente na memória cidadina. Por isso, a lembrança da escavação do canal pelo nobre Carambolas é mais recorrente, já na contrapartida, ocorre o apagamento dos personagens que com suas próprias mãos fizeram uma grande obra acontecer, ao permitirem que os caminhos dos rios se alargassem em função de um projeto ambicioso de progresso e desenvolvimento para a região. Não sabemos quem são eles. Apenas nos foi contado que como mão de obra escrava, encontravam-se no centro da escavação, o lugar mais frágil, de modo que, se ocorresse algum desabamento, estes seriam os primeiros a serem sepultados pelas águas. O que de fato aconteceu.

Então é como nos diz Halbwachs (1990): a memória que pensamos ser individual, é fruto de um produto social. É a memória coletiva, partilhada, assimilada, que fornece dados para a constituição de nossas memórias individuais. Ou seja, são esses dados fornecidos pela memória coletiva que contribuem para que o indivíduo se integre ao meio e desta forma possa formar sua memória individual. A memória que tenho do “canal” e das histórias que o circundam, não são de fatos memórias exclusivas minhas. Elas são lembranças, reconstruções do passado. “A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparadas por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (HALBWACHS 1990, p.71).

A cada fato, depoimento, diálogo, leitura, imagens, as lembranças vão se reconstruindo, constituindo minha memória individual sobre um fato, um acontecimento, um objeto, uma história que se manteve viva devido uma memória coletiva que se fez permanecer como lembrança. Mas a lembrança pode também ser uma simulação de um fato, a criação de uma memória que tão bem encaixada e replicada, pode tornar-se parte das lembranças como se de fato tivesse existido e, nesta construção, constituir parte da narrativa.

O novo quadro projetado sobre os fatos que já conhecíamos, ali nos revela mais um traço que nele se posiciona, e que dele recebe um significado mais claro. É assim a memória se enriquece de bens alheios que, desde que se tenha enraizado e encontrado o seu lugar não se distingue mais das outras lembranças (HALBWACHS, 1990, p.78).

A memória que partilho de um lugar, de um momento, de um objeto, de uma paisagem como a pintura do Canal de Igarapé-Miri, configura um novo quadro construído de memórias de outros sujeitos, que encontrando terreno fértil, consegue fincar raízes e, assim, habitar o campo de minhas memórias individuais, mas que tenho ciência que esta é uma construção de muitas mãos, memórias, fatos sociais, espaciais e temporais que passaram a ter sentido devido ser a expressão de uma memória coletiva.

ESCAVAÇÃO E RECORDAÇÃO: TRAJETOS PARA HISTÓRIAS OUTRAS

Os produtores de arquivos nos tempos clássicos concentravam-se nas mãos das grandes famílias, a Igreja e o Estado (NORA, 1993). Estes por sua vez estavam autorizados a contar, guardar, rememorar fatos, acontecimentos considerados mais importantes da sociedade e dos personagens vinculados a ela. Desta forma, memórias foram selecionadas e definidas como merecedoras de serem salvaguardadas e assim preservadas em arquivos, protegidos nos lugares de memórias. Outras por sua vez, foram silenciadas, soterradas abaixo do esquecimento. No entanto explicita Nora (1993)

A passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz cada um o historiador de si mesmo. O imperativo da história ultrapassou muito assim o círculo dos historiadores profissionais. Não são somente os antigos marginalizados da história oficial que são obcecados pela necessidade de recuperar seu passado enterrado. Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens (NORA, 1993, p.17).

No livro “Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura”, Walter Benjamin (1985, p. 223) tece reflexões em torno da concepção de história e neste prisma questiona se “[...] não existem, nas vozes que escutamos, ecos das vozes que emudeceram?”, vozes silenciadas, exterminadas para que uma história considerada predominante, padrão pudesse ser perpetuada. No entanto, as vozes foram emudecidas para que determinados bens culturais se tornassem hegemônicos, assim, bens culturais como os monumentos foram erguidos diante de barbáries.

Pois todos os bens culturais que ele vê tem uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corveia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim

como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialismo histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 1985, p. 225).

Quando miramos um monumento ou identificamos determinados bens culturais ainda em vigor, o que precisamos entender, segundo Walter Benjamin, é que aquele patrimônio cultural, aquele monumento fora levantado por atos de violência, de horror, de apagamento, de invisibilidades, onde somente a história das grandes personalidades, a história dos dominadores é contada, repetida, reproduzida. Escovar a história a contrapelo seria agora contar a história a partir dos vencidos, dos silenciados.

Com esta perspectiva, fico a imaginar Walter Benjamin, analisando o papel do historiador. Talvez tenha observado o arqueólogo e sua equipe, em uma expedição em busca de um objeto de memória debaixo de volumosas camadas de terras. Ele, pacientemente, vasculha, pincela, tira a poeira, escava e, então, encontra pequenos fósseis, objetos que podem trazer à tona lembranças soterradas, pedaços do passado.

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois 'fatos' nada são além de camadas que apenas a exploração mais cuidadosa entrega aquilo que compensa a escavação (BENJAMIN, 1987, p. 239).

Para compreendermos sobre determinado evento histórico se faz necessários escavar as camadas de memórias. Desconfiar do que nos parece tão obvio, desconfiar das histórias oficiais. A cada terra removida é possível encontrar pedaços, pequenos fósseis que podem dizer muito sobre determinado local, sujeitos, histórias. A cada escavação é possível perceber objetos em suas múltiplas dimensões.

Desta forma, os fósseis escondidos são apenas fósseis, objetos comuns; mas se estes forem colocados diante da luz, podem provocar lembranças escondidas, adormecidas, silenciadas. Então, compete a cada um de nós escavarmos nossas memórias, e por que não a memória coletiva, revirando o solo antes arrumado, sem desníveis e assim trazer à luz elementos subterrâneos de nossas memórias que podem trazer novas visões e compreensões a partir das lembranças evidenciadas por outros objetos de memórias.

Walter Benjamin a partir de suas obras tem muito a contribuir na reversão de nosso olhar sobre a história, memória e a cidade. Seus escritos oferecem pistas para que comecemos a estranhar o que nos é comum, estranhar o que nos parece familiar, desconfiar das verdades que nos foram ditas e, desta forma, permitir que outros olhares possam expressar seus próprios modos de ver, situar,

perceber, os fatos, os lugares e os acontecimentos; e como nos diz Chinua Achebe (1930-2013): “[...] até que os leões contem suas histórias, os contos de caça sempre glorificaram o caçador”⁸; nesta mesma linha, Walter Benjamin nos provoca a escavar sim, procurar nos pequenos detalhes, nos fragmentos, nas entrelinhas, nos arranjos, nas montagens, no silenciado, na entonação, no que está escrito, mas também no que deixou de ser contado, registrado, documentado para que seja oportuno narrar agora as histórias, as memórias dos vencidos, dos derrotados, histórias daqueles que não tiveram suas memórias consideradas como patrimônios a serem preservadas, histórias não dignas de glorificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta incursão foi possível percebermos que história e memória embora sejam vistos como semelhantes ou até mesmo como sinônimo, na verdade são conceitos opostos. A primeira busca contar as ações da humanidade já a segunda, está presente em todos os grupos vivos, é a própria vida. A memória pode sofrer manipulações, deformações, passar por lembranças ou esquecimentos, pode ficar adormecida, mas também ganhar novas ressignificações.

Outro elemento também destacado refere-se aos objetos de memória. Os objetos de memória podem guardar alegrias, tristezas, dores, mas também partilhar experiências. É a memória coletiva acerca de determinados objetos que termina por fazer sentido na memória individual. Porém, é necessário desconfiarmos das histórias oficiais, porque muitas delas foram construídas, produzidas, inventadas a partir da seleção de determinadas memórias que podem ter silenciado outras.

A história do Canal de Igarapé-Miri, constitui um objeto de memória que por longos anos replicada, partilhada, rememorada tornou-se memória coletiva. Como história oficial somos chamados a remover a terra e escavá-la, não importa se outros já a tenham revirado. Em novas revisitações, expedições podemos encontrar novos fósseis, novos objetos, outras perspectivas para compreendermos nosso lugar, e outros sujeitos e memórias que nesta história tenham sido soterrados.

⁸ Ver MACHADO, Carlos. Invenções africanas que mudaram o mundo. Disponível em: <<https://revistaraca.com.br/invencoes-africanas-que-mudaram-o-mundo/>>. Acesso em: 08 de out. 2019.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única-Obras Escolhidas**. Volume 2. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e Jose Carlos Martins Barbosa. Editora Brasiliense -São Paulo, 1987.

_____. **Origem do Drama Barroco alemão**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Brasiliense, São Paulo .1984.

_____. **Obras escolhida**, V. 1. Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 1 ed. Brasiliense. São Paulo.1985.

GONÇALVES, Josimere Serrão. “**Memorial de um Objeto -Canal de Igarapé-Miri**”, elaborada por Josimere Serrão Gonçalves por ocasião da Disciplina -História, memória e cidades em 21/05/2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa da Identidade?.IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG). Stuart Hall,Kathryn Woodward. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis,RJ.Vozes, 2000.

LE GOFF, Jacques, **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MACHADO, Carlos. **Invenções africanas que mudaram o mundo**. Disponível em: <<https://revistaraca.com.br/invencoes-africanas-que-mudaram-o-mundo/>>.Acesso em: 08 de out. 2019.

284

NORA, Pierre. **Entre a memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História - Revista do Programa de Pós-graduação em *História* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IGARAPÉ-MIRI. **O município de Igarapé-Miri: História**. Disponível em: < <https://igarapemiri.pa.gov.br/o-municipio/historia/>>. Acesso em: 10 de mai. 2021.

RIOU, Édourd. Ilustrador Francês. IN: MARCOY, Paul. Voyage de l’Ocean Pacifique a l’Ocean Atlantique, a travers l’Amerique du Sud (1848-1860).In: **Le Tor du Monde**: Nouveau Journal des Voyages. Dexiem semestre, Librairie Hachette, nonuvnn saint-germain, 79. Londres, King William Street, Strand,1867, p. 97-154.

PINHEIRO, Marinaldo Pantoja. **Pequeno Caminho da Canoa**: Historiografia do Município de Igarapé-Miri. 1 ed. Gurupi: Editora Veloso, 2020.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Revista Estudos Históricos - Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

SARMENTO-PANTOJA, Carlos Augusto N.; SARMENTO-PANTOJA, Tânia M. P. **Plano de Curso Disciplina História, memória e as cidades**. Abaetetuba. 2021.